

A proposta de Jean Laplanche é de um *retorno sobre Freud*, no sentido de que, para ele, não se pode voltar a Freud sem realizar sobre ele um trabalho: trabalho sobre a obra, trabalho da obra, trabalho que põe a obra em questão. Em nenhum momento tal trabalho é entendido como algo a ser realizado a partir de um lugar de exterioridade, pelo contrário: a analogia criada por ele próprio é a do trabalho de parto. Fazer Freud trabalhar, no dizer de Laplanche, significa empurrar suas contradições para que "dêem à luz".

É dentro desta concepção que em *Novos fundamentos para a psicanálise* o autor se propõe a *fundamentar a experiência psicanalítica*. Ao explicitar no que ela consiste, vai situando as coisas de modo a quebrar algumas das oposições mais difundidas e vulgarizadas no movimento psicanalítico. Um cuidadoso trabalho de recolocar o lugar da clínica e da teoria permeia praticamente todo o desenvolvimento do texto, culminando em afirmações tais como: "talvez nada haja de menos empírico do que o tratamento psicanalítico", ou "afirmar que o homem é auto-teorizante significa dizer que toda verdadeira teorização é uma experiência que, necessariamente, compromete o pesquisador" (p.13).

Laplanche faz uma aguçada crítica à psicologia psicanalítica anglo-saxônica: "sob o nome de retorno à clínica, o que se tenta impor é um terrorismo de conceitos implícitos, com muita frequência derivados do senso comum ou banalizados por ele." E exemplifica: "um desses conceitos, um dos mais recentes, que se torna uma espécie de tapa-buracos, é o conceito de interação, que passou a ser a fórmula mágica da anti-teoria" (p.9) Certamente, segundo Laplanche, os grandes empiristas não se reconheceriam nesta

O enigma: reduto da sedução originária

Resenha de Jean Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, 230 p. Tradução de Cláudia Berliner

guerra contra o pensamento e contra a reflexão.

Quem acompanha a obra do autor desde 1964 encontra neste texto uma tentativa de articulação - privilegiado espaço de síntese - que serve como um momento organizador de seu pensamento sobre conceitos tais como os de pulsão, narcisismo, linguagem e outros. Mas, para quem quer aventurar-se na leitura de sua obra, este livro pode ser também um bom ponto de partida: um mapa, que dá a localização e a função de cada um dos bairros em relação ao conjunto de uma cidade, para, a partir daí, seguir cada uma das problemáticas nos textos específicos. O próprio autor é um bom guia de viagem, já que, a cada momento, remete o leitor aos textos anteriores em que desenvolveu cada tema.

No título do livro há um "novo" e um "fundamento", esclarecendo o autor que sua proposta é a de remontar até os fundamentos para *renová-los*. A novidade, assim, se encontra nos fundamentos, e não na psicanálise: "não se trata para mim de uma nova psicanálise. Trata-se de por em questão e de renovar, explicitando-o, o que a fundamenta" (p.3).

Se a história procede, seguindo a própria Psicanálise mostra, não por acumulação nem por desenvolvimento sem falhas, mas sim por refluxo, repetição e retorno do refluxo, - recuperando a tradição de filósofos como Hegel e Heidegger - trazer algo novo, afirma o autor, não é necessariamente inovar: é regressar à própria fonte. Mas há um gesto de fundação que precisa permanentemente ser renovado.

O livro compreende três grandes capítulos, precedidos por

uma introdução: I- Catártica; II- Fundamentos para a teoria da sedução generalizada; III- A tarefa prática.

No primeiro capítulo Laplanche analisa detalhadamente o lugar do biológico, do filogenético, do mecanicismo e do lingüístico, mostrando como eles têm o lugar de recursos de metáfora, de instrumentos mas não de fundamento.

Laplanche acompanha as três formas em que o biológico se apresenta no freudismo: como origem, como modelo e como esperança. Mostra como em Freud há dois tipos de modelos: um de memórias (uma sucessão de memórias, entre as quais se produzem re-inscrições) e outro de níveis (em que faz intervir a ficção de um organismo que tende a manter a homeostase). Admite que o biológico se situa antes do humano, mas não que presida a relação do psiquismo com a vida. O biológico serve como base para o desenvolvimento do sexual, mas, no homem, não o explica.

Em relação à paixão de Freud pelo filogenético, Laplanche declara seu distanciamento. Os fantasmas originários são, para Freud, verdadeiros cenários; há um plano de memória que viria completar a memória individual. Laplanche deixa claro que não se trata de reativar um debate entre o inato e o adquirido, mas sim de delimitar com clareza o que pode ser inato. Ainda que insista na importância de se reconhecerem as aquisições da espécie humana, bem como o constitucional presente em cada indivíduo no nível das atitudes, das predominâncias sensoriais e até mesmo de uma sensibilidade congênita ao traumatismo, ele afirma

que não se pode concordar com a idéia dos cenários mnêmicos, porque isto implicaria em confundir memória e comportamento.

O modelo mecanicista sugere-lhe várias críticas: algumas quanto ao modelo em si e outras em relação ao tipo de física da qual o modelo foi retirado.

Com relação ao modelo lingüístico, Laplanche se ocupa em situar a questão da linguagem em Freud e em Lacan, para recuperar como fundamental a noção de *significante* e a diferenciação entre o significante *de quem* e o significante *para quem*. Esta diferenciação introduz a idéia de que um significante pode significar *para*, sem que por isso se saiba a *que* significa. Um significante tem um poder de significância, mas isto não exige que nele se manifeste um significado explícito. Isso nos remete à imagem proposta por Lacan dos hieróglifos no deserto, dos caracteres cuneiformes numa tabuinha, dos quais sabemos que querem significar-nos algo, embora seu significado não seja explícito. É a partir daí que o autor dá o primeiro passo para introduzir sua idéia de *significante enigmático*.

Não se trata de um texto de leitura fácil. Mas a dificuldade não se encontra no hermetismo da escrita, e sim na densidade da trama conceitual, na quantidade de conceitos, com os quais o autor joga em um intenso movimento de construção do pensamento. Primeiramente, vai desobstruindo o lugar dos fundamentos, através do que chama catar-se, ab-reagindo aquilo que na história do movimento psicanalítico foi ocupando esse lugar. Uma vez livre, vai fazendo surgir aquilo que para ele é o que fundamenta a prática psicanalítica: a *situação originária*, como estrutura que está na *base*, mas também na *origem*.

O núcleo do texto é, a meu

ver, o segundo capítulo: *Fundamentos para a teoria da sedução generalizada*. O primeiro capítulo prepara um lugar para ele; o terceiro mostra os efeitos desta construção teórica.

O autor introduz a idéia de "tina" para referir-se à psicanálise como uma situação que se funda a si própria - que cria seu próprio campo - e ao fechamento do tratamento analítico. Mas esse fechamento tem uma abertura: está aberto ao passado, à história infantil.

O "originário" ocupa o centro do foco: o originário não é o mítico, diz Laplanche, porque o mítico implica um tempo ficcional. O originário é o *universal* e este universal envolve dois personagens: a criança e o adulto. "Originário é, portanto, uma criança, cujos comportamentos imperfeitos, débeis, estão preparados para deixar-se desviar, e é um adulto desviante que se desvia relativamente a toda norma quanto à sexualidade e, direi mesmo, desviante relativamente a si próprio, na sua própria clivagem", diz Laplanche (p.110). Portanto, a relação original se estabelece em um duplo registro: uma relação aberta interativa, e uma outra em que a interação não funciona porque há uma desigualdade, um sedutor e um seduzido, um desviador e um desviado.

Todo o desenvolvimento vai sendo montado em um diálogo com outros autores, fundamentalmente com o próprio Freud, retomando o percurso desde a sedução infantil até a sedução precoce. Laplanche retoma aqui a rica exposição que conhecemos através de seu livro *A sexualidade*, e extrai realmente o mais

importante do desenvolvimento freudiano, principalmente até 1897, época bastante esquecida ou desprezada na história do movimento psicanalítico, já que é considerada pré-psicanalítica por determinadas concepções epistemológicas.

Laplanche dialoga com Margaret Mead e também com Sándor Ferenczi, em quem reconhece a ruptura com a posição "familiarista". Transporta no tempo, dizendo que seu artigo *Confusão das línguas entre os adultos e a criança* poderia ser um prefácio da teoria da sedução generalizada e que, portanto, teríamos que lhe reservar um lugar no "pós-1964".

"Por meio do termo *sedução originária* qualificamos, portanto, essa situação fundamental em que o adulto propõe à criança significantes não-verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. Não é preciso procurar muito longe para dar exemplos concretos do que chamo *significantes enigmáticos*. O próprio seio, órgão aparentemente natural da lactação: pode-se continuar a negligenciar na teoria analítica seu importante investimento sexual e inconsciente para a mulher? Pode-se supor que esse movimento sexual, que pode ser considerado perverso no sentido dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, não é percebido, suspeitado pelo bebê, como fonte deste obscuro questionamento: *o que ele quer de mim, além de me aleitar e, no fim das contas, por que ele quer me aleitar?*" (p.134).

O *enigma* é um *a mais* na mensagem do outro. *A mais* que tem caráter traumático, que vira enigma a ser decifrado, que desperta na criança uma inquietante estranheza.

Os significantes enigmáticos são, no dizer do autor, objeto de uma primeira tentativa de simbolização ou tradução, nos quais o que é reprimido não pode ser traduzido: é então um resto de tradução. O trabalho de análise consiste em "destraduzir" para tratar de reintegrar uma parte do que se perdeu nas traduções infantis (Cf. conferência *Algumas falsas vias do freudismo*, Buenos Aires, 1991).

A teoria da sedução conduzirá o autor à reformulação do conceito de pulsão, bem como à reafirmação do realismo inconsciente: "...a partir da situação originária do processo de recalçamento, ou metabolização originária que a ela se segue, não há outra possibilidade senão a formação de um resto. Este resto só pode ser não-simbolizado, isto é, *significante-dessignificado*" (p.160).

O desenvolvimento da oposição entre o realismo do inconsciente e o ponto de vista fenomenológico de Politzer, Sartre e Roy Schafer é um dos trechos mais esclarecedores do texto.

Se Laplanche extrai da teoria da sedução generalizada uma consequência teórica tão importante como a da *natureza do inconsciente*, não é menor a importância da suas conclusões para a prática. Para ele, a situação do tratamento é uma reinstauração de um lugar de sedução originária, a *sedução do enigma*. O originário não é apenas o que acontece primeiramente, mas sim o que é fundamento; por isso a análise pode recolocar em jogo o originário em sua própria essência. *A situação analítica instaura a relação originária com o enigma e seu portador* (p.167).

Outra conclusão importantíssima se refere à transferência. Diz Laplanche: "*a própria situação é a transferência. (...) Se a situação reinstaura uma situação originária, ela é, em si, transferência.*" Diz ele também: "*um pleno é a repetição positiva dos comportamentos, das imagens infantis. Um vazio é também uma repetição, mas onde a relação infantil repetida encontra seu caráter enigmático, e onde as imagos não são totalmente plenas.*" (p.168).

Algumas considerações sobre a finalização de uma análise encerram o texto.

Certamente nem todos os analistas concordarão com as conclusões às quais chega Laplanche em seu livro, mas será difícil que alguém não concorde com o valor que este - como todos os seus outros escritos - tem para a psicanálise contemporânea. Tirar do esquecimento ou da banalização muitos dos conceitos freudianos tem sido um de seus méritos, bem como recuperar ao máximo a riqueza do texto freudiano, alertando para confusões ou mal-entendidos, seguindo a construção de seus conceitos, retomando os momentos em que a teoria avança e outros em que retrocede. Tem sido ainda seu mérito mostrar como algumas idéias aparecem e depois se perdem para continuarem trabalhando junto ao próprio Freud, e como este não consegue, em certos momentos, levar adiante determinadas idéias que ele próprio afirmara. Tudo isto nos oferece não só um pensamento teórico-clínico como um método de trabalho de valor incalculável.

Sílvia Leonor Alonso
Psicanalista, Membro do Departamento
de Psicanálise do Instituto
Sedes Sapientiae
Tradução: Cecília M. Hirschzon
e Kitty Haasz